



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

ANÁLISE ESPAÇO-TEMPORAL DA CIDADE DE DOUTOR SEVERIANO (RN)

SPATIO-TEMPORAL ANALYSIS OF THE CITY OF DOUTOR SEVERIANO (RN)

(Recebido em 31-05-2023; Aceito em: 18-06-2024)

Alvani Bezerra da Silva

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Pau dos Ferros, Brasil
alvanidasilva@alu.uern.br

Josué Alencar Bezerra

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará– Fortaleza, Brasil
Professor do departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Pau dos Ferros, Brasil
josue@ufrnet.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo estudar a geo-história da cidade de Doutor Severiano (RN), evidenciando os fatores de interferência na produção do espaço urbano, bem como as formas espaciais que se mantêm presentes na paisagem desta cidade e que nos revelam significados importantes para um entendimento do contexto histórico e geográfico em que se formou. Para tanto, utilizamos como aporte teórico-metodológico, a leitura bibliográfica que ressalta a relevância do estudo do passado, por intermédio da memória de velhos, a discussão sobre a valorização referente aos estudos geo-históricos no espaço urbano; sobre a significância da memória em preservar elementos, fatos e acontecimentos por intermédio de registros fotográficos que fazem parte da trajetória dos indivíduos no seu espaço de vivência. Realizamos, ainda, entrevistas com pessoas idosas residentes na cidade com o intuito de resgatarmos acontecimentos que marcaram a trajetória histórica, geográfica, social e cultural da cidade de Doutor Severiano (RN) durante o recorte temporal de 2000 a 2015. Dessa forma, percebemos que as alterações ocorridas no espaço citadino do município foram influenciadas por uma série de acontecimentos que moldaram o espaço da cidade, a maior parte deles designados por fatores político-administrativos.

Palavras-chave: Estudo do passado/presente; Geografia Histórica; Formação territorial.

Abstract

This article aims to study the geo-history of the city of Doutor Severiano (RN), highlighting the factors that interfere in the production of urban space, as well as the spatial forms that remain present in the landscape of this city and that reveal important meanings to us for an understanding of the historical and geographical context in which it was formed. In order to do so, we used as a theoretical-methodological contribution, the bibliographic reading that emphasizes the relevance of the study of the

past, through the memory of old people, the discussion about the valorization referring to the geo-historical studies in the urban space; about the significance of memory in preserving elements, facts and events through photographic records that are part of the trajectory of individuals in their living space. We also carried out interviews with elderly people living in the city in order to rescue events that marked the historical, geographic, social and cultural trajectory of the city of Doutor Severiano (RN) during the time frame from 2000 to 201. In this way, we realized that the changes that took place in the city space of the municipality were influenced by a series of events that shaped the city space, most of them designated by political-administrative factors.

Key words: Study of the past/present; Historical Geography; Territorial formation.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma discussão sobre a formação histórica e geográfica da cidade de Doutor Severiano (RN), além de enfatizar os elementos que participaram desse processo, em consonância com as dimensões espaço e tempo, sob a perspectiva da Geografia Histórica e, por sua vez, elencar os principais eventos que influenciaram na formação territorial da cidade. E, dessa forma, identificar os fixos geográficos que tiveram relevância para a configuração do espaço citadino. Ressaltamos, ainda, a importância dos fatores econômicos, políticos, sociais e culturais nos estudos geo-históricos para a compreensão do espaço geográfico, como em Barros e Ferreira (2009).

Estudar a constituição histórica e geográfica do espaço urbano do município requer uma análise espaço-temporal voltada para o resgate de acontecimentos que marcaram/marcam sua evolução. É uma forma de rememorar o que passou e analisar o que está posto e construído na configuração atual, bem como promover o diálogo com idosos do lugar por intermédio de uma “volta ao passado”, alcançada a partir da “memória/lembranças de velhos”, conforme indica Bosi (1994). Desta feita, realizamos análises documentais sobre os aspectos históricos do município (formação territorial) atrelados aos geográficos. Nessa concepção, adotamos como procedimentos metodológicos: a aplicação de entrevistas abertas e semiestruturadas, atreladas à construção de mapas mentais temáticos e/ou croquis.

Segundo Corrêa (1989), a cidade se revela como um espaço complexo, amplo e diversificado, que se insere em um contexto específico e particular. Ela ultrapassa os aspectos, de maneira geral, sejam eles: físicos, históricos, culturais e humanos. Sua constituição é resultante de intensos processos urbanos. Os processos urbanos são disseminados pela acumulação de capital e a reprodução social em que criam e recriam formas e funções espaciais, ou seja, criam atividades e suas materializações, cuja distribuição constitui a própria organização espacial urbana que, por sua vez, irão modelar e estruturar a morfologia da paisagem citadina. Com o decurso da história, as formas

espaciais (os fixos geográficos) prevalecem vivas na memória e na paisagem do município e que se revelam como “rugosidades”, como conceituado por Santos (2006).

Entre o processo e o produto (as formas espaciais), encontramos um elemento mediatizador que viabiliza os processos que dão origem às formas. Este elemento constitui-se em um conjunto de forças atuantes ao longo do tempo, postas em ação pelos diversos agentes produtores do espaço urbano (os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os proprietários imobiliários; o Estado; e a classe excluída da sociedade), que permitem localizações e (re) localizações das atividades e da população na cidade. Sobre essa óptica, Corrêa (1989, p. 36-37) acrescenta que:

Os processos espaciais são as forças através das quais o movimento de transformação da estrutura social, o processo, se efetiva espacialmente, refazendo a espacialidade da sociedade. [...] os processos espaciais são de natureza social, cunhados na própria sociedade. [...] sua utilidade na conexão humana-tempo-espaco-mudança.

Desse modo, buscamos demonstrar a importância dos elementos históricos e a sua contribuição para a organização do espaço geográfico atual que é resultado de uma “junção” de tempos passados e que apresenta em sua configuração as formas pretéritas, preservando, assim, em sua paisagem elementos que resgatam e nos revelam remontes/indícios da sua história.

A escolha do tema desta pesquisa partiu do interesse em entender, de forma mais precisa e detalhada, a formação territorial¹ da cidade de Doutor Severiano (RN), bem como os principais elementos que contribuíram para a sua constituição histórica e geográfica. E, pela empatia que adquirimos com essa área do conhecimento geográfico (Geografia Histórica) ainda pouco estudada pela Geografia Urbana.

A pesquisa possuiu abordagem qualitativa, tendo por base a perspectiva metodológica da História Oral (HALL, 1992) a partir da memória de velhos, para (re) construir os elementos da formação territorial, que podem contribuir na leitura do espaço urbano contemporâneo, considerando o recorte espacial da cidade de Doutor Severiano (RN).

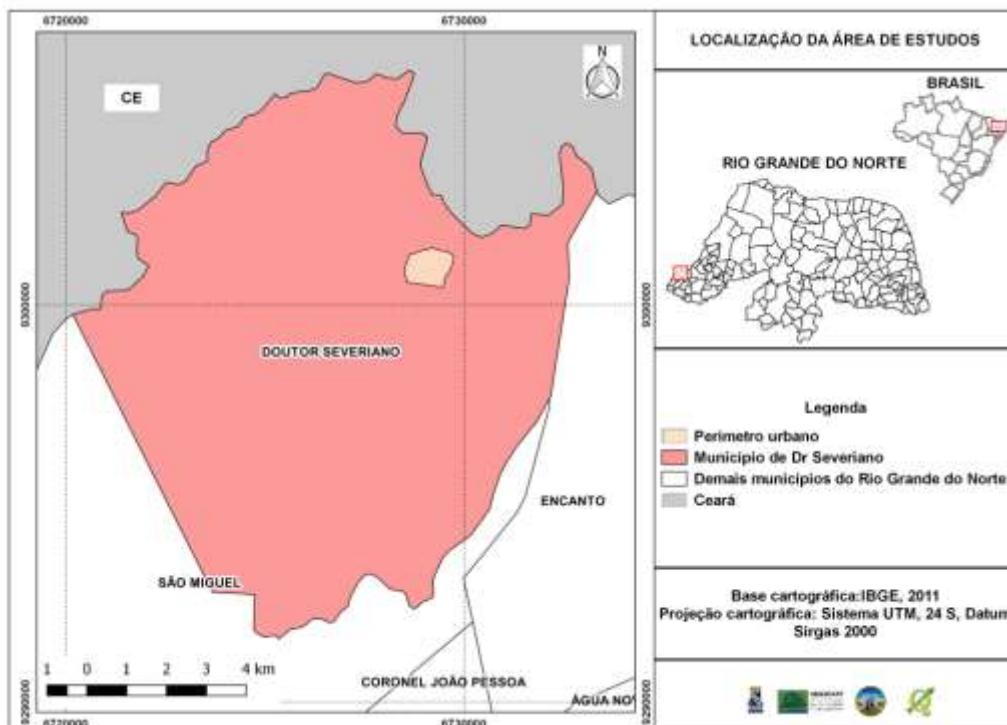
Para tanto, o artigo encontra-se dividido em três seções. Primeiramente, apresentamos a caracterização do recorte espacial em análise, seguida da discussão sobre a importância do estudo das dimensões espaço-temporais no entendimento do espaço urbano. Posteriormente, destacamos os eventos e simbologias construídas na cidade e os principais rebatimentos na organização do espaço geográfico. E, por fim, as considerações finais, que articulam a visão sistematizadora sobre a problemática posta em tela.

¹ Segundo Moraes (2000), o conceito de formação territorial pode ser definido como a possibilidade de construir uma história econômica, uma história cultural, uma história política e, por sua vez, uma história territorial.

Caracterização da cidade de Doutor Severiano (RN)²

A cidade de Doutor Severiano (RN) localiza-se na Região Geográfica Intermediária de Mossoró, mais precisamente, na Região Geográfica Imediata de Pau dos Ferros (IBGE, 2017), como mostra a figura 01. É uma região muito fragmentada territorialmente, com mais de 40 pequenos municípios e tem a cidade de Pau dos Ferros como a cidade mais importante (BEZERRA, 2016).

Figura 01: Localização do campo de estudo - cidade de Doutor Severiano (RN).



Fonte: IBGE (2011). **Elaboração:** Os autores (2016).

De acordo com os dados fornecidos pelo Centro de Saúde Francisco Ildemar de Castro - Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada na cidade -, residiam no ano de 2022 o total de 1.284 famílias, possuindo uma população estimada em 3.579 habitantes, sendo que 1.746 são do sexo masculino (o que corresponde a 48,7% da população total da zona urbana) e 1.833 são do sexo feminino (o que equivale a 51,2% da população total da zona urbana), como exemplifica a Tabela 02.

Tabela 01: Tabela da população/sexo, na cidade de Doutor Severiano (RN), no ano de 2022

SEXO	TOTAL ABSOLUTO	PERCENTUAL (%)
Feminino	1.833	51,2%
Masculino	1.746	48,7%
TOTAL GERAL	3.579	100%

Fonte: Estimativa IBGE (2022), Centro de Saúde Francisco Ildemar de Castro (2022). **Elaboração:** Os autores (2022)

² Pela Lei nº 2.784, Mundo Novo desmembrou-se de São Miguel, no dia 10 de maio de 1962, tornou-se município do Estado do Rio Grande do Norte e passou a chamar-se Doutor Severiano em homenagem a Francisco Severiano de Figueiredo Sobrinho, um caicoense, que defendeu juridicamente a conquista da autonomia político-administrativa da região (IBGE, 2016).

A cidade possui, entre os principais logradouros, as ruas Princesa Isabel, Maria Nemízia de Lima, Hermínio Jácome de Lima, Cônego Ismar Fernandes, Otília Jácome, Padre Tertuliano Fernandes, Basília Fernandes, Cristóvão Colombo. E, ainda, os seguintes fixos geográficos: duas escolas de Ensino Fundamental, ambas mantidas pela rede municipal: a Escola Coronel João Pessoa, construída no ano de 1951 e inaugurada em 1970; e a Escola José Neri de Oliveira, fundada no dia 01 de novembro de 2007, deu início ao seu funcionamento no dia 03 de março de 2008; uma escola de nível médio denominada por Escola Estadual Cristóvão Colombo de Queiroz - fundada no ano de 1976; uma delegacia, uma biblioteca municipal; e a sede da Prefeitura Municipal. A maior parte se encontra no bairro centro, sendo este o principal, pois os demais espaços, apesar de estarem próximos e delimitados administrativamente, não possuem identidade de bairro (BEZERRA, 2011).

A cidade ainda possui 05 igrejas evangélicas, a igreja de Santa Luzia (Figuras 02 e 03), localizada na parte central, próxima à prefeitura, construída no ano de 1938 por intermédio de doação do terreno pela senhora Otília Jácome de Lima. A referida igreja foi construída pelo senhor Sebastião Dário; e a igreja de Mãe Rainha, localizada na Rua Cônego Ismar Fernandes.

Figura 02: Igreja Matriz de Santa Luzia em 1998.



Fonte: Arquivo do fotógrafo (Registro realizado no ano de 1998, durante a tradicional festa de dezembro).

Figura 03: Igreja Matriz, em abril de 2022.



Fonte: Os autores (2022)

O material utilizado para a construção da igreja de Santa Luzia era transportado em lombos de animais da Serra das Piabas (PB) e da Boa Esperança (PB) pelo Senhor Martiniano Ancelmo da Silva, um comboieiro, que muito contribuiu para o crescimento da comunidade. Em relação às construções

privadas, a cidade possui comércios, lojas e um depósito de material de construção, não apresenta nenhuma fábrica.

As dimensões espaço-temporais no estudo da cidade

Para estudar a cidade e a sua configuração espacial, é necessário levar em consideração duas dimensões importantes: o tempo e o espaço. Ambas as categorias/dimensões se encontram interligadas e não podem ser analisadas separadamente ou de forma a privilegiar uma (história), em detrimento da outra (geografia) ou vice-versa. Mas, como trabalhar com as duas dimensões? Uma das formas apontadas por Santos (1996) é empiricizar o tempo, ou seja, torná-lo material. Uma vez que o tempo se materializa no espaço. Por intermédio das formas construídas em cada época, a paisagem citadina, por exemplo, guarda a materialização desse tempo, pois em cada período da história, encontramos formas espaciais diversificadas. Sobre isso, Barros e Ferreira (2009, p. 04) complementam e ressaltam que a cidade ao ser compreendida

[...] como espaço historicamente construído cria e organiza novas formas e funções, assim como a cristalização de formas antigas, assumindo ou não novas funções. As rugosidades, isto é, as formas pretéritas inseridas em um novo contexto socioespacial, nos mostram a materialização do espaço como marca histórica, lugar de contemplação do que existiu.

Nesse contexto, a Geografia Histórica se revela como um instrumento de grande relevância nos estudos do espaço urbano, bem como na leitura e interpretação de acontecimentos e alterações que ocorreram no decorrer do tempo. Dessa forma, não é viável para a Geografia menosprezar a dimensão temporal no estudo do espaço geográfico, pois é a partir dessa categoria importante que conseguimos entender, minimamente, a disposição dos símbolos e elementos presentes nas paisagens, como as formas e funções (iremos tratar dessas duas categorias nas próximas seções) que se apresentam nos dias atuais (SILVA, 2021).

Por que aquela edificação se localiza naquele local e não em outro? Por que a igreja se circunscreve no centro e não na parte periférica da cidade? Muitas vezes nos deparamos com interrogações desse tipo, mas só conseguiremos explicá-las se entendermos o contexto histórico e geográfico em que elas foram criadas e quais os interesses embutidos nessa construção.

A compreensão sobre a dimensão histórica é de substancial importância no estudo da natureza da cidade. Com base nesse entendimento, Sposito (2008, p. 10) revela que, “Entender a cidade hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicar a extensão da urbanização neste século, exige uma volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética sua trajetória”.

Corroborando com Sposito (2008), pudemos perceber que o espaço é história, é vivência e construção, e, nesse âmbito, a cidade que conhecemos hoje é o resultado cumulativo de relações espaço-tempo (re)produzidas ao longo da história. Sendo, assim, fruto de todas as transformações, desconstruções, reconstruções, enfim, processadas a partir das relações sociais ocorridas no transcorrer dos tempos e engendradas pelas ações humanas. Por conseguinte, faz-se necessário ressaltar a extrema necessidade de resgatar os elementos históricos e suas marcas nos fixos e fluxos geográficos, no intuito de identificar a cidade de hoje a partir de vestígios do passado.

Dessa forma, o conceito de cidade não tem sua origem na “vila” ou “povoado”, nem tampouco em decorrência do aumento da densidade populacional e da extensão territorial do sítio. Segundo Carlos (1979), ela surge a partir de condições históricas específicas que explicam o seu surgimento e suas diferenciações no espaço. A princípio, pode-se dizer que a cidade surge da necessidade de organização, de ordenamento do espaço, no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência, visando, assim, determinado objetivo, funcionalidade e/ou finalidade.

A memória de velhos e o estudo do passado

Para obtermos resultados significativos sobre a trajetória geo-histórica da cidade, faz-se necessário um estudo sob a óptica da memória de velhos, como assinala Bosi (1994). Nessa abordagem, buscamos abordar indicadores importantes da realidade socioespacial, através de diálogos com idosos e moradores mais antigos da cidade. Esse método se revela como um instrumento capaz de observar, identificar, registrar e interpretar o passado, sob o olhar do presente.

Nesse contexto, procuramos, por intermédio da memória de velhos, resgatar aspectos geo-históricos que atuaram/atuam no processo de formação e (re) produção do espaço urbano da cidade, pois “[...] cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história” (BOSI, 1994, p. 418). Diante disso, pudemos mencionar não apenas construções e edificações que sofreram modificações no transcorrer do espaço-tempo, mas também acontecimentos, como, por exemplo, festas, trajetórias individuais e coletivas, animações e solenidades que tiveram significância para a construção social. Assim, entendemos memória como uma espécie de ideia que, ao:

[...] reaparecer na mente, conserva um grau considerável de vivacidade primitiva, sendo algo intermédio entre impressão e ideia, duas espécies distintas, às quais se reduzem todas as percepções humanas [...] os conceitos de memória e imaginação se confundem e é preciso fazer a diferenciação. As ideias da memória são muito mais vivazes e mais fortes do que as da imaginação, e que a primeira destas faculdades pinta os seus objetos com cores mais nítidas do que as empregadas pela segunda (HUME, 2001, p. 37 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 24-25).

Nesse sentido, utilizamos como aporte metodológico a memória de velhos, calcada na História Oral, para “desenhar” o passado, por mais que existam suas limitações e deficiências na utilização da História Oral, justificada pelo fato da “memória de muitos entrevistados estarem extremamente falível em relação aos acontecimentos específicos, e, sobretudo à sua sequência” (HALL, 1992, s.p.). O recurso de investigação foi adotado como mediador da pesquisa, em que se revela como um instrumento teórico-metodológico passível de apresentar deficiências, já que não possuímos dados infalíveis no que diz respeito ao funcionamento da memória humana. E, visando à obtenção de resultados profícuos, Hall (1992) nos alerta e considera que a utilização desta abordagem metodológica parece ser mais confiável para os acontecimentos de grande impacto que, geralmente, impressionaram muito o entrevistado ou para rotinas e fatos regularmente repetidos. A História Oral pressupõe, entretanto, dependência “de uma fonte - a entrevista - altamente variável por causa do envolvimento do pesquisador no próprio processo de sua produção” (HALL, 1992, s.p.). Por isso, devemos tomar todo o cuidado sensível com os registros e interpretações, sendo fidedignos com tais dados obtidos.

Em entrevistas realizadas com as cidadãs B e C, denotamos, em seus relatos, como fatos marcantes apenas a demolição do Mercado Público Municipal e a reforma da Igreja de Santa Luzia. Isso não significa que os outros episódios não tiveram importância, porém esses dois prevaleceram na memória das idosas com mais intensidade e vivacidade, em detrimento dos outros.

Eventos e simbologias na história da formação do município

A cidade reúne em sua paisagem um conjunto de símbolos e significados que são construídos e reconstruídos no decorrer da sua trajetória e que são responsáveis pela sua constituição e configuração espaço-temporal. Muitas vezes, essas simbologias criadas são desconhecidas pelos seus habitantes. Nesse ínterim, a análise da formação do espaço urbano da cidade necessita ser intermediada pelo entendimento desses símbolos, que se materializam no espaço citadino. Necessitamos, pois, de realizar uma “volta ao passado”, já que para entender a construção social do passado é fundamental enxergá-la com os olhos do presente e vice-versa. Sobre isso, Oliveira (2014, p. 26) aponta que “o modo como se imagina o passado tem base no presente, com vistas no futuro”.

Com o intento de realizar uma entrevista bem-sucedida, é necessário criar uma atmosfera amistosa e de confiança, como não discordar das opiniões do entrevistado, tentar ser o mais neutro possível (GOLDENBERG, 1997 *apud* BONI e QUARESMA, 2005, p. 78). Nesse tocante, foi assim que procuramos construir o ambiente para a realização das entrevistas.

Vale salientar que, os sujeitos delimitados para a realização das entrevistas de obtenção da História Oral receberam a referência de “cidadão A”; “cidadão B”; “cidadão C”, no sentido de preservar a identidade dos entrevistados, porém, com a inquietação de procurarmos ser verdadeiros ao registro dos dados empíricos. Desse modo, a qualidade das entrevistas depende muito do planejamento feito pelo entrevistador, pois “a arte do entrevistador consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas” (SELLTIZ, 1987 *apud* BONI e QUARESMA, 2005, p. 72). Para chegarmos a resultados e informações autênticas, utilizamos entrevistas abertas e semiestruturadas. Segundo Boni e Quaresma (2005), as técnicas de entrevistas abertas consistem em explorar o assunto pesquisado, obtendo, assim, um maior detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados. As entrevistas semiestruturadas mesclaram perguntas abertas e fechadas, em que o informante tem a possibilidade de discorrer/debater sobre o tema proposto. Alinhada à proposta, introduzimos, durante a realização das entrevistas, os mapas mentais. Os mapas mentais constituem-se em um instrumento de relevância para a análise que se pretende fazer da reconstrução do espaço geográfico, uma vez que por meio deles pudemos identificar elementos geográficos, históricos e culturais presentes no espaço. É nesse sentido que o mapa mental busca auxiliar o estudo do espaço e do lugar. Sobre isso, André (1989 *apud* Nogueira, 2002, p. 127) nos mostra que:

Os mapas mentais são representações do real e são elaborados por um processo no qual se relacionam percepções próprias: visuais, auditivas, olfativas, as lembranças, as coisas conscientes e inconscientes, ou pertencer a um grupo social, cultural; assim, mediante e seguida de filtros, nasce uma reconstrução as cartas mentais.

Os mapas mentais são representações do real (linguagens cartográficas) por intermédio de percepções próprias do indivíduo. É uma forma de linguagem que permite retratar o espaço socialmente construído e vivido.

Visando a construção dos mapas mentais, aliada à abordagem da História Oral, realizamos entrevistas e diálogos informais com três pessoas idosas (cidadão A; cidadão B; cidadão C). As entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas às respectivas pessoas estão divididas em três partes que contemplam a estrutura espacial da cidade; os espaços do trabalho; e a cultura e a política na cidade.

Estrutura espacial da cidade: fixos e fluxos presentes na conformação do espaço em estudo

O diálogo com os entrevistados nos repassou um pouco da “arquitetura” do espaço citadino, através dos seus relatos de vivência que foram expressos em forma de mapas mentais, em que destacaram e buscaram rememorar os principais fixos (formas espaciais) presentes no espaço da cidade, durante o ano de 1963 e início do ano 2000, (Figuras 04 e 05), bem como suas alterações

temporais e as principais funções que desempenharam e desempenham nos dias atuais, destacando a significância que cada elemento que conformou o espaço representou/representa para a vida das próprias entrevistadas. Representações estas, que se configuraram em um arcabouço (conjunto) da memória coletiva e, por sua vez, servem-nos de leitura sobre a reconstrução histórica do espaço citadino.

Figura 04: Primeiras edificações no espaço da cidade, no ano de 1963

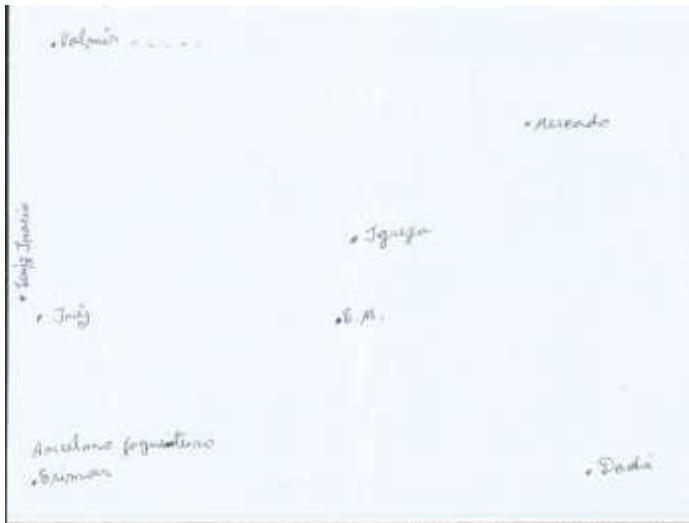


Figura 05: Representação do centro da cidade, no ano de 2000



Fonte: Elaboração da entrevistada Cidadã C (2016)

Fonte: Elaboração da entrevistada Cidadã C (2016)

A partir das figuras acima, denotamos que, a cidade, no ano de 1963, apresentava poucas construções (apenas a Igreja Matriz, a escola, o mercado e poucas casas). No ano de 2000, a cidade abrigava na sua paisagem, além dos fixos mencionados, a Praça 10 de Maio, a Praça Martiniano Ancelmo, dentre outros. A figura 06, por exemplo, apresenta a cidade em dois momentos. No ano de 2000, a pequena cidade abrigava muitas árvores e poucas construções em sua paisagem. No ano de 2004, a cidade teve alterações consideráveis no que respeito ao aumento das construções.

Figura 06: Vista aérea da cidade nos anos de 2000 e 2004, respectivamente



Fonte: Arquivo do fotógrafo.

Dessa forma, o diálogo com idosos da cidade, que participaram ativamente dessa construção, revelou-se como instrumento importante para a compreensão da cidade atual. Nesse âmbito, Bosi (1994) atribui ao idoso à responsabilidade de lembrar os acontecimentos pretéritos, pois ele consegue verificar uma história social bem desenvolvida. Conseguimos, assim, por intermédio da História Oral, refazer contextos sociais, históricos, geográficos e políticos da cidade em estudo. Em entrevistas realizadas com munícipes e sujeitos ativos no processo de construção da história de Doutor Severiano, pudemos ter acesso a acontecimentos passados que têm significância até os dias atuais. Nessa caminhada, encontramos o cidadão A, que tem 65 anos e que nos repassou informações sobre como tudo se formou. O município de Doutor Severiano, antes de conquistar a sua autonomia político-administrativa, era representado apenas por um pequeno vilarejo pertencente ao município de São Miguel (RN). O nome do município foi em homenagem a um caicoense, advogado, deputado estadual e prefeito, Francisco Severiano de Figueiredo Sobrinho, que defendeu juridicamente o processo emancipatório desse recorte espacial.

Percebemos que, o espaço urbano do município, no decorrer do espaço-tempo, passou por uma série de transformações e que foram condicionadas por fatores políticos, econômicos e sociais. Na cidade em estudo, identificamos essas alterações que foram acarretadas pela conjuntura política dominante, o que resultou na configuração atual de sua urbanidade. Em cada administração, encontramos construções, ampliações e demolições de elementos que se inseriram/inserem na paisagem artificial do espaço citadino. Essas ações proporcionaram a construção e reconstrução da cidade de Doutor Severiano, ao longo do tempo (discutiremos sobre isso, com mais detalhes, na próxima seção).

Desse modo, constatamos que formas são objetos (elementos fixos) da configuração socioespacial, que permanecem organizados e/ou ordenados sobre o espaço geográfico, constituindo-

o em sua gama de correlações, gerando as estruturas urbanas, por muito tempo. Já as funções são dinâmicas, atribuem significados às formas e se alteram ao longo do tempo.

No campo severianense, pudemos identificar o Mercado Público Municipal, conhecido por alguns moradores como “Barracão”, concedeu lugar à Praça Pública Municipal de Eventos Adelaide Abrantes de Lima (Figura 07) que, atualmente, apresenta a mesma função, porém formas diferentes, corroborando, assim, com a leitura apontada por Santos (2012), que é a que se volta para a relação entre velhas formas e novas funções, ou ainda, novas formas e antigas funções.

Figura 07: Vista frontal da Praça Pública de Eventos



Fonte: Os autores (2022)

Formas antigas que permanecem na conformação da cidade e que apresentam funções totalmente distintas das do passado ou que conservam certos traços e habilidades relacionadas às práticas funcionais anteriores. Essa relação estabelecida entre formas e funções, considerando o elemento temporal como crucial a esta definição, é denominada por Santos (2012) de “rugosidade”. Frisamos, assim, na significância de entender como se deu essa constituição no passado, para melhor compreender a dinâmica atual, buscando analisar como a cidade se constituiu no decorrer do espaço-tempo. Nesse ínterim, destacamos a reforma da Prefeitura, no ano de 2012, como mostram as (Figura 08), das primeiras escolas (Figura 09 e 10), do Mercado Público, das residências mais antigas, das praças e dentre outros, que apesar da supressão do tempo, com reformas, ampliações, demolições, ainda se mantêm presentes. Enquanto umas apresentam as mesmas formas e funções, outras apresentam formas e funções distintas.

Encontramos, ainda, outras construções realizadas durante esse recorte temporal (2000-2015): a Praça Pública Municipal de Eventos Adelaide Abrantes de Lima, construída por intermédio da Lei Municipal nº 0178, de 14 de abril de 2003, e passou por uma ampliação no ano de 2012, extinguindo, assim, a Praça 10 de Maio que foi construída através da Lei Municipal nº 154, de 07 de maio de 2002;

a demolição e reforma da Igreja de Santa Luzia; reforma da antiga Escola Municipal Mundo Novo; construção do Complexo Educacional José Neri de Oliveira (Figura 11) e reforma da Câmara Municipal (Figura 12).

Figura 08: Prefeitura Municipal, no ano de 2007



Fonte: Arquivo do fotógrafo

Figura 09: Primeira escola construída na cidade, na década de 1940



Fonte: Os autores (2016)

Figura 10: Construção do Templo de Oração, no ano de 2022



Fonte: Os autores (2022)

Figura 11: Escola Municipal José Neri de Oliveira



Fonte: Os autores (2022)

Figura 12: Câmara Municipal de Doutor Severiano (RN), no dia 21 de julho de 2009 e em maio de 2022



Fonte: Arquivo da Câmara

A cidadã B tem 68 anos, natural de Doutor Severiano, exerceu a profissão de professora durante 32 anos, residente na cidade. Ao interrogar a cidadã sobre as principais alterações ocorridas na paisagem citadina no período compreendido entre 2000-2015, a entrevistada nos revelou que essas alterações foram todas significativas para impulsionar o crescimento da cidade e do município, de maneira geral. Ainda, nesse contexto, comentou sobre as construções mais antigas presentes na paisagem da cidade, mencionando em seu relato o local em que funcionava a descaroçadeira de algodão (Figuras 13), e nas pendências funcionava um engenho (Figura 14), ambos tendo sido construídos na década de 1920.

Figura 13: Casa construída na década de 1920, presente no espaço da cidade, em 2022



Fonte: Os autores (2022)

Figura 14: Escombros do antigo engenho, no ano de 2016



Fonte: Os autores (2016)

A cidadã C tem 65 anos, sempre residiu no município. Durante a entrevista, ela relatou sobre a existência das primeiras construções da cidade, destacando a casa de Dona Dadá, antes residência de Cristóvão Colombo de Queiroz, e de uma casa próxima a sua residência, que antes era uma construção de taipa (Figura 15), que se localiza próximo à Igreja Matriz de Santa Luzia e à Praça

Martiniano Ancelmo. Mencionou, ainda, a casa de Dona Adalgiza, a barbearia de Seu Benedito, construídas, respectivamente, nas décadas de 1930 e 1940.

Figura 15: Casa construída na década de 1920



Fonte: Os autores (2016)

A cidadã C, em linhas gerais, mostrou-nos aspectos importantes que são comuns nos diálogos com os demais entrevistados no que diz respeito às alterações no decorrer da história, como, por exemplo, a construção de novas residências privada e pública.

Aspectos político-administrativos e os principais rebatimentos na configuração do espaço urbano severianense

Por intermédio da Lei nº 2.784, de 10 de maio de 1962, o município desmembrou-se de São Miguel (RN) e conseguiu a sua autonomia político-administrativa (IBGE, 2016). A partir desse episódio, o município teve como representante, o então prefeito Nivaldo Moreno (nomeado por Francisco Severiano de Figueiredo Sobrinho), que administrou o município nos anos de 1963 e 1964. A economia da cidade girava em torno do setor primário (predominância das atividades agrícolas, como o cultivo da cana-de-açúcar, arroz, feijão, milho, etc.), posteriormente, veio o crescimento da pecuária.

De forma geral, a cidade em análise, desde a conquista da sua autonomia político-administrativa até os dias atuais, apresentou transformações significativas na sua paisagem. A partir de entrevista realizada com um cidadão munícipe (cidadão A), que tem 65 anos de idade, denotamos que essas alterações foram condicionadas por fatores de interferência política, destacando que, esse espaço foi durante um intervalo de tempo considerável organizado pela influência de duas famílias:

Fernandes e Jácome. Famílias estas, que eram responsáveis pelas tomadas de decisões, no âmbito da política, da economia, do social e do cultural. Em cada gestão, identificamos elementos e acontecimentos que impulsionaram para o crescimento da cidade. Nesta oportunidade, encontramos os fixos geográficos que são formas pretéritas inseridas na paisagem e que nos revelam significados importantes que merecem ressalvas.

No período compreendido de 2000 a 2015, vislumbramos alterações de cunho significativo para a cidade, no que diz respeito à economia, aos aspectos urbanísticos, às decisões político-administrativas. Nesse contexto, encontramos a participação de três personagens importantes, ou seja, três administradores que modificaram o cenário e a paisagem do município, de forma mais acentuada: o prefeito Francisco Lopes da Silva (1997-2000 e 2001-2004), o prefeito Francisco Neri de Oliveira (2005-2008; 2009-2012), o prefeito Carlos Jácome de Aquino (2013-2016) e o prefeito Francisco Neri de Oliveira (2017-2020; 2021-2024).

Cultura e sociedade: a cidade em transformação

Durante a administração do prefeito Francisco Lopes da Silva, destacamos, a seguir, as suas principais construções e decisões importantes, no âmbito social e econômico. De acordo com o cidadão A, o prefeito construiu a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), nos anos de 2002 e 2003, respectivamente.

O entrevistado (Cidadão A) elencou, ainda, a implementação dos meios de comunicação, como “a chegada da televisão, da telefonia (fixa e móvel) e da *internet*”. Com a instalação desses meios de comunicação, as relações sociais se modificaram. O cidadão relata que, antes, todos se reuniam nas calçadas e no próprio Mercado Público durante o fim da tarde para conversar, discutir os acontecimentos do dia e dentre outros assuntos. Mas, após a inserção desses meios de comunicação, principalmente, a *internet*, as relações, os diálogos se transformaram, de forma expressiva. Atualmente, o entrevistado nos mostrou que é impossível dialogar com outra pessoa, sem a presença de um aparelho celular, é como se a pessoa que estivesse do seu lado não fosse “interessante”. Percebemos, pois, que:

[...] os meios de comunicação tornou possível um novo tipo de sociabilidade, na qual a presença física já não é essencial para que haja uma relação, sendo possível interagir com quem quiser, a hora que quiser e ser participativo dentro da sociedade por meio de um espaço virtual (KOHN; MORAES, 2007, p. 04-05).

Nesse contexto, denotamos que a apropriação e utilização dessas novas tecnologias propiciaram uma reconfiguração nas relações sociais e causou:

Impacto econômico, político e social. As novas configurações trazem, portanto, benefícios e prejuízos já que facilitam por um lado e por outro demandam a necessidade de um

conhecimento maior para acessá-las, além de afastar os indivíduos do contato físico, trazer diferenças sociais à tona e evidenciar que o poder está cada vez mais nas mãos de poucos (BRITTOS, 2002, p. 07 *apud* KOHN; MORAES, 2007, p 07).

Nas palavras do entrevistado, pudemos perceber que essas construções e/ou ampliações foram sendo realizadas mediante decisões de cunho político e administrativo, ou seja, a construção e reconstrução do espaço geográfico foram e são variáveis utilizadas pelo poder público no espaço da cidade.

Em relação às festividades e solenidades acontecidas no município, o cidadão A teceu algumas considerações no que diz respeito à organização dos eventos, à participação popular e à preservação da cultura e dos costumes severianenses. O entrevistado mencionou as festas de padroeira e co-padroeira, os desfiles cívicos, os carnavais e acrescentou que não se faz mais festas como se fazia antigamente, uma vez que a população não participa ativamente do processo de organização e não se interessa pelas decisões adotadas pelo poder público. E, para finalizar suas considerações, o entrevistado fez a seguinte analogia: “É como se as pessoas estivessem regredindo em relação às gerações que as antecederam”.

Antes da construção da praça, as festividades eram realizadas no “Barracão” e a comunidade toda participava. Era, portanto, uma forma de entretenimento, comemorava-se a vida, celebrava as conquistas, exaltava o amor e enaltecia a sabedoria. A cidade era deficiente de apoio, de recursos financeiros, mas o povo tinha na alma o desejo de construir, de dialogar, de despertar nas pessoas o dom da humanidade: a solidariedade. Hoje, a sociedade não reconhece o valor das pequenas atitudes e fica “presa” a um aparelho de celular, à tela de um computador e deixa em segundo plano o contato físico e esquece que “ser” humano é participar da humanidade. E, para se fazer história tem que preservar a memória e ressignificar nossa vitória, que faz parte das nossas ações e participações. A partir da colocação do entrevistado, denotamos que, a sociedade se distanciou das decisões políticas, sociais e econômicas.

No âmbito das relações sociais e o convívio em sociedade, a cidadã B afirma que o passado apresentava uma realidade bem melhor do que a atual, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, pois as pessoas sabiam o significado de coletividade e sabiam respeitar os outros. Os filhos respeitavam os pais, os alunos respeitavam os professores, os indivíduos estabeleciam um maior contato entre si. Atualmente, a *internet* nos priva desse contato, do “olho no olho”, do abraço, do “aperto de mão” e das conversas informais nas calçadas. Com relação à participação dos cidadãos na política, ela considera uma “participação” entre aspas, pelo fato das pessoas não gostarem da política e apresentarem resistência em discutir e debater temas diversos de interesse coletivo. Em relação às festividades realizadas na cidade, tinha um maior contingente de pessoas que participava ativamente,

no sentido de organizar e de fazer a festa acontecer, como, por exemplo, as celebrações religiosas, políticas, carnavalescas, juninas, natalinas, os desfiles cívicos, dentre outras. Sobre o patriotismo e a valorização dos símbolos da pátria, a cidadã afirma que, “O povo está menos patriota, pois antes nas escolas os alunos hasteavam a bandeira, cantavam o hino toda semana, organizavam desfiles nas datas comemorativas (Relato da cidadã B, 2016)”.

Considerações finais

Consideramos o estudo dos elementos históricos e geográficos imprescindível para o entendimento da constituição do espaço urbano, visto que a cidade é formada por processos históricos anteriores, que são responsáveis pela sua configuração no presente e possíveis desdobramentos no futuro. Desta feita, necessitamos realizar uma articulação entre as escalas tempo e espaço, para que possamos entender a conjuntura social, econômica e política da cidade, sem cair no pecado de privilegiar uma em detrimento da outra.

Nesta análise, percebemos, também, que a influência política foi/é responsável pela construção e organização do espaço da cidade e que são através das deliberações e dos interesses que a cidade é configurada e modelada pelas famílias que detém o controle sobre esse recorte espacial. É nesse sentido que a cidade de Doutor Severiano, no decorrer da sua formação territorial, teve o seu espaço modelado, remodelado, construído, desconstruído e reconstruído. Seguindo, portanto, a lógica do capital privado e público e dos interesses dos representantes políticos que, juntamente com as famílias de influência social e econômica, atribuíram à cidade alguns traços que, até os dias atuais, são preservados na paisagem citadina, ou seja, são expressos pelas marcas das rugosidades espaço-temporais.

Referências

- ABREU, M. de A.. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras*. Rio de Janeiro, vol. XIX, 1998, p. 77-97.
- BARROS, P.C.; FERREIRA, F. da C.. A importância do estudo da Geografia Histórica para a compreensão do espaço urbano. Ano 8, nº 15, 2009.
- BEZERRA, J.A.. Como definir o bairro? Uma breve revisão. *Revista Geotemas*, Pau dos Ferros, v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/310>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- BEZERRA, J.A.. *A cidade e região de Pau dos Ferros: por uma geografia da distância em uma rede urbana interiorizada*. 2016. 430 f. Tese (Doutorado em 2016) — Universidade Estadual do Ceará, 2016. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=82264>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2, nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BOSI, E.. Memória-sonho e memória trabalho. In: _____ *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 60-68.
- CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CORRÊA, R. L. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- HALL, M. M. História Oral: os riscos da inocência. In: São Paulo (cidade) Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Doutor Severiano*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=240320&search=rio-grande-do-norte|doutor-severiano|infograficos:-historico>. Acessado em: jan. 2024.
- KOHN, K.; MORAES, C. H. de. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Santos, 2007.
- MORAES, A. C.R.. *Bases da formação territorial do Brasil*: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. Hucitec, São Paulo, 2000.
- NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de; *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, R. L. S. de. *Fotografia e memória: a criação de passados*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014, p. 25-26.
- SANTOS, M. *Metamorfoses Do Espaço Habitado*, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.
- SANTOS, M. Rugsidades do Espaço e Divisão Social do Trabalho. In: _____ *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 40.
- SILVA, L. L. S. da. Permita-Me Incluir A Geografia Em Tuas Considerações. *Revista Geotemas*, Pau dos Ferros, v. 11, p. e02110, 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/3106>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- SPOSITO, M. E. B. *Redes e cidades*. São Paulo: Contexto, 2008.